

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
ESTRANGEIRISMOS DE LÍNGUA INGLESA
(O CASO DOS ANTROPÔNIMOS)²⁸

Antônio Elias Lima Freitas (UFRJ e UFF)

O presente estudo etnográfico, no campo da Onomástica e, em especial, na abrangência da antroponímia de estrangeirismos de língua inglesa, expõe um quadro panorâmico do problema, pespontando toda a região da Baixada Fluminense (fase I), com as incidências de estrangeirismos observados em escolas privadas e públicas em níveis diversos como Educação Infantil, Ensino para Jovens e Adultos, Ensinos Fundamental e Médio.

Em um segundo momento da pesquisa (fase II), a coleta de dados, tabelas, gráficos e análise dos *corpora* prontos para um estudo mais detalhado, servirão de base para o prosseguimento da pesquisa no ano de 2006, já com o estudo voltado para uma área mais restrita geograficamente, que é o primeiro distrito administrativo de um único município da região da Baixada Fluminense, Duque de Caxias. A convergência da pesquisa apontará para um só recorte nos estudos lingüísticos: Estrangeirismos de língua inglesa (o caso dos antropônimos).

A razão da escolha de tal área para o trabalho de caráter sociolingüístico, na linha do variacionismo laboviano, deve-se ao fato de ter o pesquisador um profundo conhecimento da região e de ter sido militante no magistério público municipal por mais de trinta anos e, assim, possuir um maior acesso para as pesquisas junto às escolas e seus acervos de secretaria, junto aos funcionários (em trabalho de visitasões e coleta de dados), e também nos setores ou coordenações de estatística da Secretaria Municipal de Educação ou em contato mais direto junto aos pais, alunos e mestres.

Analisar e aprender a sistematizar variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala serão nossos principais objetivos. O modelo de análise a ser desenvolvido neste livro é o que se convencionou denominar 'teoria da variação lingüística'. Trata-se de um modelo teórico-metodológico que assume o 'caos' lingüístico como objeto de estudo. Como esse modelo, por princípio, não admite a existência de uma ciência da linguagem que não seja social, o próprio título 'Sociolingüística' fica redundante. No meio social as

²⁸ Uma versão deste trabalho foi apresentada na I Jornada Nacional de Estudos Filológicos e Lingüísticos da Língua Portuguesa, no dia 5 de novembro de 2006, em comemoração ao Dia Nacional da Língua Portuguesa.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

variantes coexistem em seu campo natural de batalha. É o uso mais ou menos provável de uma ou de outra que iremos estudar. (Tarallo, 2003: 3)

Na primeira fase da pesquisa, busco verificar a incidência de antropônimos registrados em língua inglesa na Baixada Fluminense nos municípios de Duque de Caxias, Magé, Belford Roxo, Nilópolis, Nova Iguaçu e São João de Meriti, viabilizando um estudo sobre a situação onomástica contemporânea no que tange aos estrangeirismos naquela região. O debate visa demonstrar que os estrangeirismos apresentam um papel muito mais relevante do que aquele que é considerado quando o mapeamento de ocorrências é realizado em uma seara puramente científica/denotativa, sem considerar contextos outros além de incidência em si mesma. O estudo é de caráter eminentemente ligado ao léxico e à lexicologia, isto é: o Léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível. (Biderman, 2001: 203)

Nos municípios citados, foram observados e analisados casos nas classes de alfabetização noturna (EJA – Ensino para Jovens e Adultos), e nas classes de Educação Infantil, em que os falantes de língua materna apresentavam fluência, compreensão e tendência para dar preferência ao uso de anglicismos do que aos termos em sua língua materna, em diversas ocasiões quando a pesquisa foi realizada.²⁹

A pesquisa indaga basicamente:

1. Se os portadores de denominativos de origem estrangeira em inglês estão conscientes do real significado de seus próprios nomes;
2. Se foi intencional o registro de um nome estrangeiro inglês atribuído à criança ao nascer;

²⁹ Os alunos do oitavo período de Letras (Português/Inglês), da Feuduc – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias, fizeram a pesquisa de campo para o trabalho monográfico de final de curso sobre *Estrangeirismos de Língua Inglesa* (inclusive antropônimos de língua inglesa). Tais alunos pesquisaram em ocasiões e locais diferentes para o bom andamento de suas pesquisas, em escolas, comércio, condomínios e outros sítios de pesquisa.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

3. Sobre a possível origem daquela aquisição lingüística na região, isto é, qual foi o processo de chegada da palavra ou expressão estrangeira ao universo vocabular daqueles falantes da língua nacional;
4. Sobre a questão da identidade social daquele que registrou em cartório um antropônimo de língua inglesa e daquele que foi registrado.

Com efeito, os nomes próprios se colocavam muito mais próximos de uma dinâmica de significação, de uma escolha consciente e motivada. À medida que se recua no tempo, vai-se aproximando, mais e mais, do nome como uma entidade personalizada e individualizada, do nome como o terceiro elemento formador do homem, ao lado de sua materialidade e de sua espiritualidade, porque algo tangível, que se podia vivenciar desde que havia consciência de sua presença. O nome não é nunca um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador; é uma propriedade que deve ser resguardada com o maior cuidado e cujo uso exclusivo deve ser ciosamente reservado. (Dick, 1990: 191).

Duque de Caxias, Magé, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis, e as áreas limítrofes à Baixada Fluminense – como os bairros de Madureira (Rio de Janeiro) e Duques (Petrópolis) – foram áreas contempladas com a pesquisa.³⁰ Escolas privadas, municipais e estaduais abriram suas portas para que a pesquisa fosse implementada nos anos de 2004 e 2005 (janeiro/junho).

A presente pesquisa (fase I) tem por objetivo final demonstrar, de formas gráfica e textual, as diversas incidências antroponímicas de origem inglesa, assim como variadas outras incidências ligadas aos estrangeirismos de língua inglesa encontradas na Baixada Fluminense. Para sua consecução, houve necessidade de recorrer ao comércio, por meio de observações em *out-doors*, *malls*, *shopping centers* e seus produtos, como perfumes e camisetas. Pelo seu caráter, a princípio abrangente, o trabalho apresentou uma diversidade incontestável de *corpora* em seu bojo, reunindo populações diversas nas localidades apontadas. Faixas etárias, religiões, estruturas familiares e culturais foram, também, contempladas e privilegiadas na pesquisa para que diferentes recortes fossem analisados no estudo.

O levantamento de *corpora* de diferentes populações em variados campos semânticos e em contextos socioculturais diferenciados,³¹ como procedeu, permitiria, a nosso ver, a comprovação das hipóteses propostas

³⁰ Direcionada ao estudo de antropônimos de língua inglesa.

³¹ Por exemplo, as pesquisas de campo envolvendo escolas tiveram uma abrangência ímpar, pois atingiram diversas populações, desde Educação Infantil até Educação Superior.

no trabalho. Dessa forma, após levantamento e análise, as inovações léxicas, oriundas de empréstimos externos (os estrangeirismos) são demonstradas através de gráficos, tabelas, mapas e questionários, assim como por intermédio da percepção visual de antropônimos estrangeiros de língua inglesa presentes nos anexos e em outros capítulos do trabalho.

É interessante observar que, no âmbito da formação vocabular portuguesa, os neologismos semânticos e, principalmente, os sintáticos, decorrentes de influência estrangeira têm dado uma ampla contribuição à língua porque levam o sistema a produzir novas formas compostas e derivadas. No entanto, não se justifica de pronto o emprego de estrangeirismos no campo da antroponímia. Portanto, devemos questionar tal uso com isenção, isto é, mediante uma prática científica na pesquisa.

Ora, há que se levar em conta também que os estrangeirismos de língua inglesa, de certa forma, estiveram antroponimicamente presentes, com maior ou menor volume, na língua materna, o português do Brasil, como elementos enriquecedores, resultantes dos processos de assimilação cultural e dependência econômica.

Biderman (2001) apresenta três diferentes tipos de estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa, a saber: a) Decalque – a versão literal do lexema-modelo é concretizado, tendo em vista que tais palavras são calcos literais da língua inglesa. Como exemplo, pode-se apontar: retroalimentação, supermercado, sociedade de consumo, cartão de crédito entre vários outros exemplos; b) Adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, quando, em geral, o estrangeirismo já foi adotado há muito tempo pela nossa cultura. Tal procedimento pode ser exemplificado por palavras como: boicote(*boy-cott*), clube (*club*), coquetel (*cocktail*), drinque (*drink*), estoque (*stock*) e outras palavras; c) Incorporação do vocábulo com a sua grafia original – *best-sellers*, *check-up*, *close-up*, *cowboy*, *gangster*, *hamburger*, *hardware*, *know-how*, *layout*, *playboy*, *xerox* e outras tantas palavras.

Ao ser incorporado ao léxico da outra língua, o estrangeirismo sofre um processo de categorização morfossintático dentro da nova língua de adoção. Em geral, a maioria dos neologismos é constituída de substantivos, sendo relativamente raros os adjetivos e verbos (Biderman, 2001).

Carvalho, em sua obra *Empréstimos Lingüísticos*, enfatiza que:

Na relação entre duas línguas, e a vizinhança ou coexistência espacial tende a modelar o léxico de uma e de outra por um recorte analógico do mundo objetivo: os traços de influência intercambiados entre essas línguas são

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

os empréstimos que, na maioria dos casos, são itens lexicais. Acrescenta ainda que tal fenômeno não é apenas causado pela vizinhança territorial, nem é puramente lingüístico, mas também resultado da ascendência cultural e política de uma nação sobre a outra. O empréstimo funciona nomeando importações de modas, objetos e novidades produzidas em sociedade. O país que apresenta maior nível de desenvolvimento técnico-científico determinantes do poder político e cultural terá sua língua sempre como fonte de empréstimo às demais. (Carvalho, 2002: 51)

Viaro (2006: 55), em seu artigo para a revista *Discutindo Língua Portuguesa*, apresenta a seguinte concordância:

Uma palavra entra em circulação de uma maneira um tanto quanto misteriosa. Um dos procedimentos mais comuns na criação neológica coloquial é o da derivação. As pessoas, no ato de comunicação, valem-se de palavras conhecidas e retiram-lhes o radical ou as terminações. Assim, após o sucesso expressivo de uma invenção, com base em associações vagas, a palavra sai do idioleto³² (linguagem individual) ou da gíria e passa para a língua comum. Essas criações vocabulares chamam neologismos.

Emergem, também, os estrangeirismos das contribuições episódicas da moda, e mais recentemente, da publicidade, seja como designação de objeto concreto, de técnica, de modos de pensar, de fazer e de sentir. Muitas delas passam a integrar o vernáculo, ou seja, a língua transmitida, a língua que se aprende em casa, desde os primeiros anos de vida. Outros simplesmente passam: não vão além da efemeridade do modismo. Não é sem razão que a lingüística estabelece uma diferença: o estrangeirismo que continua com a sua forma na língua é considerado estrangeirismo mesmo. Aquele que sofre adaptações morfossintáticas características de língua portuguesa passa a ser 'empréstimo' e se incorpora à língua. Então, há uma distinção técnica entre um termo e outro.

O maior ou menor volume da presença estrangeira na língua vernácula vincula-se, portanto, à maior ou menor influência que a cultura de um determinado país tenha o poder de sobrepujar à cultura de outro. No caso do português, é importante que se declare que os empréstimos de caráter onomástico, de qualquer ordem, nunca chegaram a ameaçar-lhe, de fato, a integridade sistêmica. Isso é que se mostra relevante: a língua como um sistema, ou seja, um conjunto organizado. Se é um conjunto organizado, ancora-se em princípios igualmente organizatórios.

Na verdade, as 'partes' da palavra não têm compromisso com sua história, mas são produtivas quando mantêm alguma relação com a antecedente etimo-

³² O conjunto dos enunciados produzidos por uma só pessoa, e principalmente as constantes lingüísticas que lhes são subjacentes e que consideramos como idiomas ou sistemas específicos; o idioleto é, portanto, o conjunto dos usos de uma língua própria de um indivíduo, num momento determinado (seu estilo). A noção de idioleto acentua certos caracteres particulares dos problemas da geografia lingüística: todo "corpus" de falares, dialetos ou línguas só é representativo na medida em que emana de locutores suficientemente diversificados; mas é, pelo menos no início, sobre bases não lingüísticas que são escolhidos esses locutores e os enunciados que eles produzem (Dubois, 2004: 329).

DEPARTAMENTO DE LETRAS

lógica. Assim, 'auto' – que em grego significava 'este, ele', passou, graças ao francês, a um pseudoprefixo que significa 'autoflagelamento' é o ato de flagelar-se a si mesmo e 'automóvel' é aquilo que se move por si.

Logo, a referida fase do projeto *A cartografia de incidências de antropônimos de estrangeirismos de língua inglesa nas escolas da rede pública municipal de Duque de Caxias, Baixada Fluminense* (primeiro título proposto para o projeto), hoje, *Estrangeirismos de Língua Inglesa (O Caso dos Antropônimos)*, apresenta um estudo sobre os aspectos antroponímicos dos estrangeirismos de língua inglesa encontrados em Duque de Caxias, tendo como nicho para a pesquisa as escolas públicas municipais do primeiro distrito administrativo.

A Secretaria de Estado de Educação, por meio de seu setor de estatística, região V, Duque de Caxias, informou ao pesquisador um montante de 109 escolas da rede estadual de Ensinos Fundamental e Médio nos quatro distritos administrativos da região.

Em qualquer comunidade de fala é possível observar uma coexistência de um conjunto de variedades lingüísticas, que surgem no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada agrupamento ou comunidade. As variações na língua ocorrem em consonância com a classe social, assim como, variando também, de acordo com a etnia, cultura, sexo, ocupação ou idade.

As variações na língua de acordo com a classe social ficaram bem conhecidas por intermédio do trabalho de Labov sobre o inglês de Nova Iorque. Em seu trabalho, apresentou o conceito de variantes na sociolingüística, isto é, uma nova roupagem para a lingüística, que variava em sua forma e em seu significado social, estabelecendo um maior significado para a contabilidade de dados concretos no estudo das variantes – Lingüística Variacionista ou Teoria da Variação.

Em Dubois (1994: 561), uma definição do termo sociolingüística é assim desenvolvida:

A sociolingüística é uma parte da lingüística cujo domínio se divide com o da etnolingüística, da sociologia, da linguagem, da geografia lingüística e da dialetologia.

A sociolingüística tem como tarefa revelar, na medida do possível, a variação entre os fenômenos lingüísticos e sociais e, eventualmente, estabelecendo uma relação de causa e efeito.

Contrariamente a uma prática afirmada ou implícita, a sociolingüística não tem por escopo fazer resultarem repercussões lingüísticas das distinções sociais. Ela deve proceder a descrições paralelas, independentes uma da outra:

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

de um lado temos as estruturas sociológicas, de outro, as estruturas lingüísticas, e só depois de concluirmos tais descrições prévias, é que poderemos confrontar os fatos de cada uma dessas ordens.

A sociolingüística pode tomar em consideração como dado social o estado do emissor (origem étnica, profissão, nível de vida etc.) e relacionar este estado ao modelo de atuação ou desempenho depreendido. Torna-se claro que, assim definida, a sociolingüística engloba toda a lingüística que procede a partir de um *corpus*, já que estes são sempre produzidos num tempo, num lugar, num meio determinados.

Podemos também, colocar-nos no ponto de vista do destinatário. Com efeito, o registro da fala é função dos indivíduos aos quais ele se destina.

Muitas vezes, as noções expressas (o conteúdo dos enunciados) é que são sociais. Tem-se, assim, uma sociolingüística que se ocupará do vocabulário político, do vocabulário técnico, etc. Essa é uma parte da lingüística muito bem estabelecida que, de uma maneira ou de outra, é admitida, pelo menos em alguns de seus setores, pelos estudos tradicionais da língua.

O exame das variações geográficas da língua não é senão um caso particular da sociolingüística, embora seguidamente designe-se esta pesquisa por denominações específicas (dialetologia, geografia lingüística).

Existe, enfim, uma sociolingüística aplicada, que se ocupa dos problemas de ‘planejamento lingüístico’; assim, num país em vias de desenvolvimento e sem unidade lingüística, conseguiu-se situar devidamente, a partir do exame dos diferentes dialetos, as línguas de unificação propostas como línguas oficiais. Por outro lado, o planejador pode ocupar-se em controlar ou frear as variações da língua sem nenhum preconceito de purismo ou de tradição, descartando-se do ponto de vista normativo tradicional.

Buscando uma acórdância em Carvalho (2002: 52), encontramos que: “As línguas mudam incessantemente pela sua própria natureza de *energéia* (processo) e não de *érgon* (produto acabado) e pelo contato com as demais, contato que ocasiona os empréstimos”.

Humboldt não acreditava no fracionamento rudimentar da linguagem em palavras e regras que, para o trabalho científico, nada acrescentava. Acreditava, pois, na sua manifestação, no trabalho do espírito para tornar o som articulado capaz de expressar um pensamento: linguagem é atividade, é força, é energia. O encantamento que tinha pela diversidade de línguas era tanto que declara que a humanidade tinha uma só língua como um todo, e que cada ser humano tem uma língua que lhe é própria e, assim, a própria renovação lingüística buscava o estrangeirismo pela necessidade de expressão de um pensamento.

O empréstimo lingüístico é a forma mais produtiva de renovação lexical no português do Brasil. Tal renovação é parte da mutabilidade

DEPARTAMENTO DE LETRAS

própria das línguas humanas. De fato, hoje, as línguas no mundo, com efeito, apresentam uma tendência à adoção de empréstimos pela necessidade de interação entre os homens, favorecendo a adoção de inovações. Mesmo o fenômeno da globalização, que interfere nos diversos papéis sociais, se apresenta também por meio dos processos lingüísticos nas ocorrências de empréstimos em situações diversificadas.

É importante ressaltar que a dominação econômica em conjunto com o poderio cultural dos Estados Unidos faz com que a língua inglesa alcance até mesmo os mais remotos agrupamentos culturais, estabelecendo-se como segunda língua ou sendo alimentador constante de estrangeirismos para as diversas áreas de especializações ou setores que fazem uso coloquial do referido idioma. Por meio de *corpora* incidentais e, por vezes, fazendo uso do sistema laboviano de narração de experiências e seus respectivos relatos em recortes diversos, por intermédio de pesquisas em diferentes agrupamentos lingüísticos-culturais, foi possível transcrever a experiência abaixo.

Através de pesquisa de campo, *in loco*, na área de Estrangeirismos, no Egito, durante 21 dias, em percurso de norte ao sul, em suas cidades principais, vilas e em populações ribeirinhas ao Nilo, durante o período de *Ramadan*,³³ foi possível, sob diversas perspectivas, observar – apesar da instabilidade política e lutas armadas que afligiam o interior daquele país – que o Egito, devido à sua pesada indústria de turismo (dinamizada pelo Ministério do Turismo) se deixa naturalmente aberto também a influências lingüísticas estrangeiras em sua língua oficial, o árabe, inclusive por razões históricas.

Isto posto, verifica-se que os estrangeirismos de línguas inglesa e francesa e, por vezes, até do italiano, são usados amplamente no discurso diário e inseridos coloquialmente na língua árabe daquelas populações. Entretanto, por questões culturais, os estrangeirismos e neologismos são usados geograficamente, de acordo com as influências histórico-culturais de cada região. Por exemplo, a Alexandria, cidades situadas nas cercanias do Mediterrâneo e no delta do Nilo fazem largo uso do francês em suas falas e até mesmo na escrita. As placas de indicação de ruas ou de turismo são redigidas em francês e não traduzidas para o árabe ou inglês. Também um árabe, repleto de galicismos toma conta da linguagem popu-

³³ Bridgewater (1960), no Islã, é o nono mês do ano, mês sagrado, e, durante tal período, é recomendado o jejum pela lei de Moisés, em um período diário entre o alvorecer e o pôr do sol.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

lar em todas as classes sociais, nas praças, nos mercados, nas ruas, nos monumentos e no turismo.

Porém, à medida que ocorre a aproximação da capital Cairo, pouco a pouco, o anglicismo ocupa o lugar do francês de forma farta e abundante com apelativos ao turismo, ao comércio e às finanças. A influência italiana não aparece na culinária (como poderia ser, de imediato, suspeitado), mas através dos produtos industrializados relacionados ao automobilismo, à perfumaria e à limpeza. Descendo o Nilo, rumo ao sul, o francês é praticamente banido da intimidade do povo e do discurso coloquial daquelas pessoas mais rudes e menos culturalmente preparadas da região, e o inglês passa a ser utilizado unicamente como veículo de captação de recursos financeiros na indústria do turismo. Nos mercados do Cairo, os pintes, os guias de turismo formal e informal usam o inglês intensamente em suas investidas para a captação de dólar, e também para a sobrevivência. A língua estrangeira francesa, com seu toque de classe, cultura e seus resultantes estrangeirismos desenvolvidos no âmago da língua árabe, sede espaço para a objetividade financeira que proporciona o inglês em seu campo de ação.

Os estrangeirismos de língua inglesa, amadurecidos na sociedade árabe, não interferem na adoção de nomes próprios, nos termos relacionados à religiosidade ou manifestações espontâneas de musicalidade, à cultura e à cidadania. A presença da língua inglesa apresenta uma relação fria e distante da cultura do povo egípcio e marca presença constante nos esquemas econômicos e diplomáticos do povo. As estruturas frasais árabes, quando relacionadas à captação de recursos, chegam repletas de anglicismos do tipo “*give me some baxixe please*”.

No aprendizado de *Woolof*, língua oficial do Senegal, é observado uma íntima relação lingüística com o francês. Por vezes, são usadas estruturas em *Woolof* com palavras francesas fartamente distribuídas em contextos. Sendo o francês a segunda língua do país, tal processo de aquisição de estrangeirismos torna-se historicamente mais justificado assim como, evidenciado.

Outras experiências similares foram observadas em Guadalajara – México e Santa Cruz – Bolívia, no que tange aos estrangeirismos e a influência do inglês, em especial. O domínio cultural e a dependência econômica de tais países em relação aos Estados Unidos facilitam o uso corrente da língua inglesa, a captação de estrangeirismos e a presença de neologismos decorrentes de tal processo. Até mesmo a circulação paralela

do dólar americano passa a ser um agente facilitador do processo de aquisição lingüística do inglês, tendo em vista que as expressões em língua inglesa estão presentes em todos os momentos, e até mesmo nos discursos comuns e simplórios do povo em seus labores diários. O México, em especial, faz uso do inglês já com o *status* de segunda língua na rotina diária do povo, devido a uma estreita ligação com o poder, além da realidade geográfica que facilita tal estreitamento.

O trabalho de pesquisa de campo, as observações e os debates somente foram possíveis devido ao trabalho de elaboração de dissertação, assim como as inscrições nas diversas disciplinas que foram distribuídas em módulos em *campi* localizados em diferentes países do mundo para o curso de mestrado do Framingham State College.³⁴

Em Portugal, na Itália e na Espanha, assim como em uma grande quantidade de países do velho continente, em detrimento de uma unificação de caráter político assim como socioeconômico, e tendo características geograficamente diversas de país para país, o inglês passa a ser utilizado como língua internacional de forma institucionalizada, e é praticamente falado por uma vasta população européia. Desse modo, a unificação lingüística para a preservação econômica já é fato. Os estrangeirismos de língua inglesa estão intimamente ligados ao discurso coloquial da população, interferindo direta e frontalmente nos costumes e cultura, e caminhando lado a lado do fenômeno de multilingüismo.

É interessante observar que, mesmo em épocas mais remotas, a Ilha de Bretanha recebia invasões diversas de povos que, além do poderio militar, impunham o poder lingüístico aos povos dominados. O norueguês, o francês e o latim em especial, além das línguas já desaparecidas, influenciaram a formação do inglês moderno, conforme é encontrado hoje. No cenário lingüístico da língua inglesa, são encontradas palavras de origens diversas, tais como, francesas, norueguesas, alemãs, italianas e

³⁴ O Programa de Mestrado em Educação do Framingham State College, Massachusetts, Estados Unidos, oferece módulos de cursos em sua sede e em diversos países do mundo, em instituições do governo norte-americano ou nos *campi* da rede internacional de escolas americanas. As cidades de Brasília, Guadalajara, Rio de Janeiro e Santa Cruz disponibilizaram as suas escolas (Escola Americana de Brasília, American School of Guadalajara, Escola Americana do Rio de Janeiro e Cooperative School of Santa Cruz respectivamente) para sediar os módulos do curso de mestrado e as pesquisas de campo nas áreas de educação e línguas estrangeiras.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

espanholas, e até mesmo línguas com menor expressividade, participação e ação no cotidiano lingüístico do inglês.³⁵

Já na Inglaterra Medieval, o francês (normando, *langue d'oïl*)³⁶ e o latim privilegiavam os cenários da nobreza e da religiosidade durante séculos. Para o povo restava apenas o “mal-acabado” inglês falado pela camada mais rude e sem cultura. A história comprova que reis ingleses, durante seus reinados, não ousaram falar o inglês em suas cortes e utilizavam o francês como símbolo de nobreza e *status* social, considerando que o inglês não seria uma “língua apresentável” em sua estruturação e, assim, não demonstrava a cultura de seu falante. Ao contrário, seu falante era considerado inculto e desprovido de nobreza. e, portanto, o francês apresentava-se na Inglaterra por meio de estrangeirismos e, depois, como segunda língua ou língua de nobres, ricos e poderosos. O poder político-religioso era sustentado pelo latim naquela ocasião, e o francês era o veículo de comunicação entre os poderes espiritual e temporal.

As motivações para uso da língua como um instrumento de controle social são influenciadas pelas atitudes e comportamentos acadêmicos e populares em relação à variação lingüística e ao multilingüismo. Neste particular, é interessante indagar quais as atitudes que as pessoas da academia e as pessoas comuns devem ter sobre a diversidade lingüística. A imagem da torre de Babel e sua queda do estado de graça de uma unificação lingüística para um caos lingüístico, freqüentemente vista em países onde existe uma esmagadora maioria lingüística – ou um grupo lingüístico dominante – medos e preconceitos direcionados aos outros grupos. McKay & Hornberger (1997: 105).

Hoje, todavia, o francês ainda exerce grande influência no vocabulário do inglês da Inglaterra por questões basicamente geográficas e de intercâmbio cultural. *Rendez-vous, chauffeur, au pair girl, voyage e garage* são alguns exemplos simples de uso no coloquialismo.

Calvet (2004) já havia apresentado as noções de microsociolingüística e macrosociolingüística, de forma clara e precisa, ao asseverar que “a análise da comunicação em uma família, por exemplo, parece evidentemente mais ‘macro’ que a do dialeto de um falante, e mais ‘micro’ que análise da situação sociolingüística de uma região ou de um país”. Exemplifica a questão através de um diálogo entre um professor e seu a-

³⁵ Crystal (1996) apresenta um quadro muito preciso, onde mostra as diversas palavras estrangeiras que habitam o discurso.

³⁶ Historicamente, muitos estrategistas da língua são bem conhecidos como, por exemplo, Geoffrey Chaucer, que rompeu com o francês normando em favor do inglês, expandindo assim o uso do inglês. McKay & Hornberger: (1997: 112)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

luno na universidade e, depois, entre o mesmo aluno e seus colegas de classe. Os contextos sociais onde professor/aluno e alunos/colegas realizaram as conversas mostram que relevantes diferenças são expostas de acordo com as situações sociais.

Labov, aprimorando o seu estudo também nas conclusões de Calvet (2004: 123) em sua pesquisa sobre o Harlem e o fracasso escolar, também relata que:

O principal responsável pelo fracasso do aprendizado da leitura é exatamente o conflito cultural. O ambiente e os valores escolares claramente não têm influência alguma sobre meninos solidamente enraizados na cultura das ruas. Por sua vez, os que aprendem são em grande parte meninos que não entram nessa cultura, ou porque a rejeitam ou porque são por ela rejeitados.

Em seu estudo, Labov demonstra, de forma inequívoca, o vínculo entre língua e sociedade e parte para um estudo mais aprimorado através de variantes lingüísticas e variantes sociais. E, para delinear a idéia de empréstimo, utilizamos Dubois (2004: 209):

Há empréstimos lingüísticos quando um falar A usa e acaba por integrar unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado é, por sua vez, chamados de empréstimos. O empréstimo é o fenômeno sociolingüístico mais importante em todos os contatos de línguas (V. Bilingüismo), isto é, de um modo geral, todas as vezes que existe um indivíduo apto a se servir total ou parcialmente de dois falares diferentes. O empréstimo liga-se necessariamente ao prestígio de que goza uma língua ou o povo que a fala (caráter melhorativo), ou então ao desprezo no qual ambos são tidos (caráter piorativo).

Observe-se ainda que os empréstimos dividem-se em conotativos ou denotativos, de acordo com sua função, intenção ou necessidade de uso. Os denotativos são impostos pela interpenetração e dominação cultural. Sua função é referencial e tem a sua origem nas culturas dominantes. Já, os conotativos apresentam uma função expressiva, sendo, pois, um recurso estilístico. Joaquim Nabuco usou a expressão “Inatacável com seus *cliffs*”, que ilustra o aspecto conotativo nos empréstimos. No entanto, alguns autores advertem que se deve evitar, principalmente, o empréstimo do tipo conotativo, pois este é adotado pela sociedade ou pelo falante individualmente, decorrente de uma admiração por um modo de vida que estes tomam como modelos influenciados que são pela moda do momento (Carvalho, 2002). Com base nisso, deve-se concordar com o fato de que as línguas receptoras deveriam rechaçar a adoção indiscriminada de empréstimos e buscar uma disciplina da forma de adaptação (Carvalho, 2004).

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Há, também, a distinção entre empréstimos “completo” e “incompleto”. No primeiro, ocorre a adoção do conjunto significante mais significado. Ex: nhoque, basquete. Já, no segundo, há a adoção de um novo significante para o significado já existente na língua. Ex: *escrete* (inglês), para seleção (português). O inverso do empréstimo incompleto é o empréstimo semântico, é constituído de palavras já existentes na língua (significante) e utilizadas com uma nova acepção isolada ou na formação da forma composta, ou seja, constitui um empréstimo de significado, Carvalho (2002).

Outro enfoque a ser delineado é o fato de que a presença de estrangeirismos deva ser vista dentro do diassistema, língua geral, levando em consideração as categorias opositivas: diacronia/sincronia, diatopia/sintopia e diastratia/sintratia. A presença ou ausência de cada uma dessas categorias permitirá vértices de análise diversos, traduzindo conceitos diversos de estrangeirismo e, por vezes, correspondentes às disciplinas lingüísticas listadas como: a) dialectologia; b) lingüística histórica; c) sociodialectologia; d) dialectologia histórica; e) sociolingüística histórica; f) sociodialectologia histórica.

Através da análise dos dados em tais diferentes áreas, as ocorrências de estrangeirismo são observados não simplesmente para o seu mapeamento mas também, para associar tal mapeamento às noções sociais e culturais cabíveis. A pesquisa de campo em seus múltiplos *corpora* visa, portanto identificar onde os estrangeirismos estão sendo usados, por que também dar ciência à população de usuários, ciência de seus significados e promovendo uma reflexão sobre o conhecimento de seu emprego.

Alves (2004), a seu turno, demonstra que o estrangeirismo, via de regra, deve ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à da língua enfocada. Em tais casos, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência, ou melhor, adquire a personalidade e a cultura daquela população especificada.

Já, Crystal especifica:

Termo usado na lingüística HISTÓRICA e COMPARADA para indicar as FORMAS lingüísticas tomadas de uma outra língua ou DIALETO. São exemplos de empréstimos as palavras restaurante (do francês *restaurant*) e gol e parquear (do inglês *goal* e *to park*), entre muitíssimos outros. Embora não seja tão comum, sons e ESTRUTURAS GRAMATICAIIS também podem ser empréstimos. Podem ocorrer diversos tipos de empréstimo. Às vezes, tanto a FORMA quanto a significação da palavra são assimiladas com alguma adap-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

tação ao sistema FONOLÓGICO da nova língua: é o caso de hambúrguer, que veio do inglês *hamburger*. Outras vezes, só a significação é emprestada, mas a forma é a original: como as palavras usadas na informática, todas elas emprestadas do inglês – *hardware*, *software*, etc. E existem os casos em que a significação é emprestada mas a forma é adaptada ou traduzida: super-homem, do inglês *superman*. (Crystal, 1988: 93)

Em Biderman (2001), são reconhecidos três tipos de estrangeirismos, a saber:

a) Decalque – versão literal do lexema modelo na língua original. Palavras como carta de crédito, antipolvente, calculadora, bens de consumo, pábrisa, programador, fim de semana, retroalimentação, toca-fitas são exemplos de calços literais do inglês, onde são utilizados lexemas e processos formais de derivação léxica típicos do português;

b) Adaptação da forma estrangeira à fonética e ortografia brasileira – exemplos: estoque (*stock*), boicote (*boy-cott*), sanduíche (*sandwich*), filme (*film*), teste (*test*), futebol (*football*) e xampu (*shampoo*).

c) Incorporação do vocábulo com a sua grafia e fonética originais – exemplos: *best-seller*, *close-up*, *hardware*, *layout*, *software*, *xerox*, *poster*, *hamburger*, *marketing* e *playboy*.

O conteúdo teórico da pesquisa apresenta diversos níveis de abrangências que formam um todo e, ao mesmo tempo, devem ter seus conceitos bem definidos e revistos para que o trabalho possa manter o seu caráter de relevância científica. Os conceitos de filologia, lexicologia, onomástica, antroponímia e estrangeirismos devem estar plenamente definidos, além de outros conceitos diversos para outras ciências.

A lingüística histórica é o ramo da filologia histórica que trata da história das palavras e dos nomes próprios e os seus estudiosos têm por objeto determinar que as línguas têm relações genéticas entre si e a explicitar as estruturas de famílias lingüísticas. Aqueles que procuram identificar as origens de palavras ou nomes próprios específicos, traçando a história de tais itens ao longo do tempo são os lingüistas históricos. Tal tipo de investigação tem o nome de filologia, e fica assim dividida em etimologia, um estudo das origens das palavras em uso corrente, e onomástica, o estudo das origens dos nomes próprios. Trask (2004: 110)

Desse modo, a antroponímia, razão da pesquisa em sua fase II, por definição em (Crystal, 1997) de estudo de nomes próprios designativos e parte do estudo da ciência denominada Onomástica.³⁷ Antropôni-

³⁷ Crystal (1988: 188) define Onomástica como ramo da *Semântica* que estuda os designativos de nomes de pessoas, através da etimologia dos nomes institucionalizados. Estuda também, os nomes de lugares, topônimos); Dubois (2004: 441): "Onomástica é o ramo da *lexologia* que estuda a origem dos nomes próprios. Divide-se, às vezes, esse estudo em *antroponímia* (que diz respeito aos nomes próprios de pessoas) e *toponímia* (que diz respeito aos nomes de lugar)"; Camara (2004: 182) traduz

mos são ainda definidos, sumaria e simplesmente, como nomes próprios de pessoas (Buarque de Holanda, 1975). Em Biderman (1997), a conceituação de antropônimos é definida como substantivos próprios que, em uma dada sociedade aplicam-se aos indivíduos componentes para distingui-los uns dos outros. Geralmente, o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antroponímicos que formam uma locução. Em Câmara (2004), antroponímia é definida como parte da onomástica que estuda a etimologia e a história dos nomes de pessoas, exigindo necessariamente pesquisas extralingüísticas (como as de cunho histórico, por exemplo).

O conjunto de definições sobre Onomástica contido na nota de rodapé número nove promove um debate amplo sobre as bases teóricas de estudo da ciência em questão. Indagações do tipo: a) Como a onomástica deve ser estudada ou qual deve ser o ponto inicial para o estudo? Ou b) Quais as ciências envolvidas no trabalho onomástico (do gr. *onomastikós*) encontram respostas em Trask, Camara, Crystal (Encyclopedia), Crystal (Dicionário), Aurélio e Dubois, quando diferentes enfoques científicos são lançados como parte do processo de estruturação de um conceito absoluto. Os lexicógrafos citados apresentam diferentes caminhos para a elaboração de um conceito onde todas as premissas se completam em um ato contínuo de transformação e de tradução da etimologia, lingüística, semântica, filologia, lexicologia, em veículos básicos para a formulação de um conceito primaz da onomástica no trabalho ora em desenvolvimento.

O estudo que ora é desenvolvido está voltado basicamente para o léxico,³⁸ lexicografia,³⁹ lexicologia⁴⁰ e, por extensão, para os estrangei-

Onomástica como um conjunto de antropônimos e topônimos de uma certa língua, e também, o estudo lingüístico de tais vocábulos; Guérios (2004: 19) afirma que é a ciência dos nomes próprios; Trask (2004: 212): Onomástica (onomastics) é o estudo dos nomes próprios. A onomástica é um ramo da *filologia*, e seu estudo requer o mesmo paciente trabalho documental que qualquer outro ramo dessa ciência, mesmo porque os nomes próprios têm o hábito de mudar mais radicalmente e de maneira mais irregular do que as palavras comuns; Aurélio (1975: 999) define onomástica como “estudo e investigação da *etimologia*, transformações, morfologia, etc., dos nomes próprios e lugares”.

³⁸ Crystal (1988: 157) apresenta o termo *léxico* como sendo sinônimo de vocábulo. Charaudeau & Maingueneau (2004: 494): “vocabulário/léxico – O termo vocabulário é, no uso corrente, compreendido como um sinônimo de léxico, essas duas unidades lexicais designando um conjunto de palavras”.

³⁹Câmara (2004: 157), de forma clara e objetiva define: “Lexicografia – É o estudo metódico – enumeração, cognação, significação – das palavras de uma língua, feito em dicionário (v.)”. Trask (2004: 156): “lexicografia (lexicography) – A redação de dicionários”.

rismos. Assim, embasamentos teóricos são aprofundados por meio do estudo dos conceitos emitidos por pensadores lingüistas diversos. Para Biderman (2001: 203):

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos e abrangentes para todo o universo conceptual dessa língua. Acrescenta que qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. O léxico é um sistema aberto e em expansão e incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical cristalizar: a morte da língua, como ocorreu com o latim .

Lexicologia, em Dubois (2004: 372), é definida como:

O estudo científico do vocabulário. Uma verdadeira lexicologia não pode se fundar sem submeter essa noção à crítica. Acrescenta que a lexicografia (técnica de confecção dos dicionários) é amplamente anterior à lexicologia, diligência científica muito recente. Mattoso Câmara (2004) define lexicologia como sendo o termo usado pelos gramáticos para designar o estudo dos vocábulos, tanto em sua flexão. Para léxico, define como sinônimo de vocabulário (v.), o conjunto de vocábulos de que dispõe uma língua dada. Para lexicografia, diz que é o estudo metódico – enumeração cognação, significação – das palavras de uma língua, feito em dicionário (v.).

Krieger e Finatto (2004) configuram o conceito como um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar, dado que a palavra é um “lugar de encontro e interesse particular” de muitas ciências, como a filologia, em seu contexto, que aparecem as unidades léxicas de um idioma, passando a ser observadas e descritas. Relaciona-se à lexicologia com a morfologia, envolvendo a problemática da composição e derivação das palavras, da categorização léxico-gramatical. A lexicografia é definida como arte ou técnica de compor dicionários Ocupa um lugar histórico entre as disciplinas dedicadas ao léxico.

Valente (2005) informa que, no último século, as línguas francesa e inglesa se apresentaram como grandes destaques em empréstimos para a língua portuguesa. O francês, na primeira metade, e o inglês, na segunda. A forte presença dos termos ingleses, no português, decorre da nossa dependência político-econômica em relação aos Estados Unidos. A influência cultural – no cinema, na música e na televisão – foi conseqüência

⁴⁰ Crystal (1988: 158), em seu texto, define lexicologia como estudo global do vocábulo de uma língua, já inserindo sua história; Câmara (2004: 157): “Termo usado por alguns gramáticos para designar o estudo dos vocábulos, tanto em sua flexão (v.) (Morfologia, *stricto sensu*), quanto nos processos para sua derivação (v.) e composição (v.)”.

direta da tal dependência, estendendo-se do pós-guerra até nossos dias. A influência da França pode ser creditada à importância cultural daquele país.

Trask (2004: 212): “Onomástica constitui um ramo da filologia que estuda os nomes próprios, necessitando de um minucioso trabalho de pesquisa documental. Os especialistas em Onomástica analisam não só os antropônimos (os nomes de pessoa, sobrenomes e prenomes), mas também os topônimos (nomes de lugares)”.⁴¹

Já em Câmara (2004: 53) a expressão ‘antropônimos’ é assim definida:

Substantivos próprios que numa dada sociedade se aplicam aos indivíduos componentes, para distingui-los uns dos outros. Geralmente o indivíduo se identifica por dois ou mais vocábulos antroponímicos que formam uma locução. Aí se destaca o prenome, que é o nome próprio individual, e o sobrenome, ou apelido, que situa melhor o indivíduo em função da sua proveniência geográfica, da sua profissão, da sua filiação (patronímicos), de uma qualidade física ou moral, de uma circunstância de nascimento.

O sobrenome tende a se transmitir de pai a filhos, fixando-se como um nome de família, e, assim, acaba de situar o indivíduo em função de sua agnação nas sociedades mais evoluídas e complexas. Daí, em português, já desligados de sua origem, os nomes de família – Fernão Cardim (Cardim, localidade de Portugal; Cardim, também na Galiza), Maciel Monteiro (Monteiro, “caçador de monte”, também título de um antigo cargo cortesão), Pedro Álvares (Álvares, patronímico de Álvaro), Diogo Cão (Cão, lat. Canu-“branco”, “de cabelos brancos”), Graciliano Ramos (Ramos, do domingo santificado, dia do nascimento ou de consagração).

É Guérios (2004: 13) quem traz a informação de que, com J. L. de Vasconcelos, na Revista Lusitana, I, 45, em 1887, o termo “antroponímia” é empregado pela primeira vez. Para nomes de nações, províncias, cidades, sítios, montes, vales, rios etc., passa a existir a denominação de Toponímia. Ambas as partes formam a Onomástica ou Onomatologia – ciência dos nomes próprios – a que J. L. de Vasconcelos acrescenta uma terceira parte – Panteonímia –, isto é, estudo dos nomes próprios das entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espadas, navios, sinos etc.). Especificamente: Teonímia – estudo dos nomes de deuses e seres sobrenaturais; Zoonímia – estudo dos nomes de animais; Astronímia – estudo dos nomes de astros e correlatos; Onionímia – estudo dos nomes de produtos comerciais.

⁴¹ Os topônimos incluem os nomes de lugares habitados, os hidrônimos (nomes de cursos d’ água), os orônimos (nomes de montanhas) e os nomes de vales, campos, estradas, ruas, casas, florestas e de quaisquer outros aspectos que possam ser nomeados.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Guérios (2004: 19) demonstra ainda que várias conceituações se agrupam para a formação de um conjunto temático e, assim, “sobrenome” passa a ser entendido por “um patrocínio, nome de uma pessoa ou expressão religiosa que se junta imediatamente ao nome próprio”; por alcunha, “um epíteto, bom ou mau, que outras pessoas aplicam a um ser social, em virtude de qualidades físicas e morais que reconhecem nele, ou de certas particularidades de sua vida”; alcunha, denominação de família, transmitida ordinariamente, de geração em geração”, cujo conceito, hoje, foi absorvido pelo de sobrenome.

Dick (1990: 190), a seu termo, afirma que os nomes próprios servem apenas para identificar pessoas ou objetos, singularizando-os entre entidades semelhantes. Acrescenta que o sentido original dos nomes próprios oculta-se na opacidade dos registros contemporâneos quando os designativos são escolhidos, na maioria das vezes, muito mais pelos modismos, atuantes no momento do que por qualquer outra preocupação em seu legítimo significado. Expande ainda sua explicação acrescentando que o dinamismo natural da língua esvazia os nomes próprios rapidamente de seu verdadeiro sentido etimológico e, assim, esquecem-se os aspectos concernentes à semântica dos nomes de pessoas, que podem retificar uma intrínseca ligação a uma reflexão cultural de cada povo e de seus costumes. Explica também que o ato de dar nomes às pessoas decorreu da necessidade de:

1. citá-las;
2. chamá-las;
3. distingui-las entre as demais, dentro da família e dentro de uma dada comunidade. Em todos os povos, é possível observar a presença de antropônimos. Em todas as línguas, em todas as culturas e em todos os tempos, desde os primórdios da humanidade. Porém, quando tais nomes eram instaurados ou batizados, tinham por base um significado intimamente ligado àquele ser, traduzindo a realidade condizente com os indivíduos portadores daqueles nomes.

4. Acrescenta, por exemplo, que as pessoas recebiam apenas um nome, a princípio, o nome individual em sua sociedade. O aparecimento de um segundo nome ou, um sobrenome, em certos povos ocorreu já em tempos mais modernos. Tal fato evitaria a homonímia que gerava inúmeras confusões. Houve, pois, a necessidade de qualquer distinção, através do recurso conhecido como “alcunha”. O fato pode ser exemplificado através dos itens: Fulano Filho (ou da família, do clã etc.) de Beltrano; Fu-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

lano de Beltrano; Fulano do país, da província, da cidade, da aldeia, do solar, do monte, da plantação etc.; Fulano, o agricultor, o pastor, o guerreiro, o capataz, o pedreiro, o açougueiro etc., ou Fulano filho do agricultor etc.; Fulano, o gordo, o baixo, o coxo, o vesgo, o louro, o de nariz de tucano etc.; Fulano, o esperto, o religioso, o nobre, o rico, o casado, o calado, o religioso, o pai, o filho, o pacífico, o moço, o velho etc.; Fulano (parente ou vizinho) do conde, do duque, do padre etc. O uso de sobrenomes tornou-se quase que um dispositivo legal, principalmente naquilo que tange à história da posse de propriedades e de heranças.

O chamamento individual tem sua história envolvida com forças sobrenaturais, tradições de diversos clãs e outras tradições que invocam forças diversas. O “bom nome” ou o “mau nome”, segundo a tradição, são responsáveis pelo destino ou sorte daqueles que carregam tais designativos e até mesmo para as suas tribos, clãs ou cultura. Assim, a doação de nomes historicamente caminha junto aos processos de herança e posse de terras desde a Antiga Roma. (Dick: 1990: 191)

Por esse raciocínio, percebe-se que o misticismo (ou o ato mágico da doação de nomes) está presente no contexto histórico desde remotas eras nas civilizações oriental e ocidental através de rituais do tipo “batismo” ou de outras seqüências consideradas “divinas”, com o objetivo de atrair a força dos deuses com seus especiais adjetivos e atrativos. De fato: até nos dias atuais, são encontrados, em agrupamentos isolados em áreas distantes das grandes áreas populacionais, rituais especiais de adoção de nomes com invocações e dramatizações para atração de entidades divinas, na coroação daqueles que acolhem o nome (ou novos nomes). As sociedades iniciáticas, ou secretas, também buscam, em seus rituais ou cerimoniais, a recepção de tais vibrações de poder ou divindades.

O trabalho onomástico, no setor de pesquisa dos antropônimos e, especialmente, os antropônimos de língua inglesa, apresenta um quadro panorâmico de determinados comportamentos, distribuições e funções do indivíduo na sociedade, através de seu nome. Cada nome tem sua história, curta ou longa, de amor ou de ódio, relacionado com a televisão, com o rádio, a imprensa ou até mesmo com produtos comerciais.

Em entrevistas informais, no ato da chamada em pautas escolares, em classes universitárias da Baixada Fluminense,⁴² foi lançada a pergunta sobre a origem de seus nomes e a razão pela qual foram assim desig-

⁴² Feuduc (Fundação Educacional de Duque de Caxias). Mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Duque de Caxias).

DEPARTAMENTO DE LETRAS

nados por seus pais na ocasião do nascimento. Os alunos, de uma forma geral, não sabiam explicar as histórias de família (ou social) ou etimológica de seus nomes.

Dentre vários designativos pessoais encontrados no processo de pesquisa, destacamos o designativo pessoal “Anderson” para detalhamento: Anderson Mendes, 23 anos, relatou que sua mãe sempre comprava a margarina *claybon* para a alimentação da família. O seu pai achava imponente, elegante e bonito a marca graficamente representada do fabricante da margarina que usava em casa (Indústrias Alimentícias Anderson & Clayton) e, assim, registrou o seu filho com parte do nome do fabricante do produto que utilizava. No mesmo grupo de alunos, a aluna Dayse relata que o nome do seu irmão Anderson foi motivado por seu pai trabalhar nas Indústrias Alimentícias Anderson & Clayton. Já, o seu nome, teve a origem em uma antiga paixão de seu pai, quando ainda solteiro, por uma aeromoça da antiga empresa de aviação Cruzeiro, com o nome de Dayse.

A sra.Elizabeth, diretora da E.M. Antonio Leite Garcia, Petrópolis, teve o seu nome assim registrado para homenagear a rainha Elizabeth, que visitava o Brasil no ano de seu nascimento, 1950. O sr.Antônio Elias registrou o nome de sua filha, com o pensamento voltado para o período histórico-literário inglês, elizabetano (*Elizabethan Age*), rainha Elizabeth (*Queen Elizabeth*), teatro elisabetano (*Elizabethan Theatre*) e outros termos de época. Porém, o assentamento definitivo do nome foi transformado em Elisa (Anexo XV).

No que tange à origem do nome do seu segundo filho, Elias Magno, deveria ser, a princípio, Elias Magnus, conforme o título de um seriado de TV na década de oitenta (*Magnus*). Porém, uma companheira de trabalho na Secretaria Municipal de Educação de Petrópolis, a professora Angela Magno da Silva, provou ser melhor o registro de Elias Magno em cartório, conforme o seu nome. O seu argumento tinha abrangências de caráter social ou, até mesmo, espiritual, afirmando que o nome de criança não poderia ser confundido com a marca da pistola Magnus.

Assim, pelo nome, são observadas diversas identificações e descobertas relacionadas ao cruzamento de informações comprometidas com a coleta de dados referentes às questões do tipo idade, sexo, cor, religião, ligações com regiões geográficas, *status* social, *status* econômico e muitos outros detalhamentos de cunho historiográfico.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A relação entre estrangeirismos e antropônimos na pesquisa em escolas municipais torna-se relevante, devido ao fato de, cada vez mais, as pautas escolares ficarem preenchidas com antropônimos estrangeiros de língua inglesa. Observa-se então, nas comunidades pesquisadas, com relação aos nomes próprios estrangeiros (em especial, de língua inglesa), que tais designativos pessoais transcritos por meio de tabelas e justificados de forma visual (gráficos) atingem um grau significativo e merecedor de estudo mais aprofundado no campo lingüístico.

Para uma segunda fase de pesquisa, é proposto um recorte populacional de estudo na ordem de 25% das escolas da rede pública municipal do primeiro distrito administrativo de Duque de Caxias, que deverá ser acionado através do trabalho em documentação de secretarias escolares, pautas escolares, questionários e entrevistas com os alunos registrados com antropônimos estrangeiros de língua inglesa e, quando autorizados pelas escolas, os seus responsáveis.

O pesquisador, dedicado à causa específica dos movimentos históricos e sua relação com os antropônimos através dos tempos, esclarece algumas possíveis explicações da seguinte ordem:

a) As tão proclamadas influências históricas, políticas e religiosas – A invocação dos deuses e a bênção dos mestres divinos sempre estiveram presentes ao berço do recém-nascido. O cristianismo deu seqüência às tradições antigas da Grécia, dos germânicos, dos hebreus, dos gauleses, dos celtas e de diversos outros povos do oriente e do ocidente através de inúmeros cerimoniais de batismo, de admissão e nova vida. Os nomes de santos, por exemplo, muito ilustram o texto, quando são adotados no sentido de buscar influências benéficas aos catacúmenos possuidores de tais designativos. Para os nomes históricos, são encontrados uma plêiade de ilustres benfeitores da humanidade, reis, rainhas, santos-homens, músicos e cientistas apreciados pelos pais, e, assim, apresentam seus filhos aos designativos escolhidos. Ex: Percival, Romeu, Confúcio, Washington, Clemente, Elisabeth, Victória e outros;

b) Por circunstâncias, tempo e lugar do nascimento do indivíduo, suas particularidades físicas. Em tal particular, são observados diversos nomes que, quando analisados, apresentam histórias ou indicativos históricos que os justificam. Como exemplos: Agripa/Aripino – criança que, em parto anormal, apresenta primeiro os pés; Libânio – do Monte Líbano; Aurélio/Aureliano – da cor do ouro; Sérvio – o salvo, o livre (o parto atribulado); Pascoal – nascido na Páscoa;

DEPARTAMENTO DE LETRAS

c) Nomes relativos a profissões – Muito utilizado em épocas anteriores e produzindo resquícios até a atualidade– Gomes e Bergière (barristas); Genivaldo, o agricultor; Cecília, a cantora;

d) Nomes curiosos ou excêntricos – São nomes que fogem por completo ao grau de normalidade aceito pela comunidade. Por vezes, são nomes difíceis de compreensão de seus significados ou grafia. Ex: Ci (significando “mãe”), Eci (significando “é a própria mãe”) e Edci (significando “é da própria Ci”); Argentina; Cafeína.

A questão conservadorismo versus modismo constitui também aspecto altamente relevante quando o assunto é antropônimos. Certos nomes, como Antônio, Pedro, João, Jorge, Manoel, Francisco, Ana, Catarina, Maria, Isabel, Margarida, Joana, Leonor, Inês, Antônia e Beatriz são recordistas em adoção e registros históricos há séculos no mundo moderno. Em contrapartida, os antropônimos de origem estrangeira exercem fascínio incontestável sobre as pessoas quando a elas é imputado o poder de atribuir nomes aos filhos, aos apadrinhados ou agregados. Tal poder de dominar “chamamentos individuais” está repleto de poderes espirituais e sociais dentre diversos outros atributivos.

Nos dias atuais, muitos designativos de nomes são adotados por questões de modismo, que muitas vezes são avassaladoras e entram nos circuitos de adoção por meio da mídia em toda a sua expressão e desenvolvimento. Os estrangeirismos, nesse particular, aparecem de forma expansiva e repletos de armadilhas sutis por canais diversos no mundo moderno.

Nas reportagens Tropeçando na língua, Memória dos ancestrais, Símbolos como herança, e O desafio de montar sua árvore, de Priscilla Leal, *Nossa História*, fevereiro de 2006, é travado um amplo debate sobre a visão interdisciplinar no estudo da genealogia. Dentre as inúmeras ciências que estão ativas para os estudos genealógicos, são encontrados estudos voltados para a linguagem, a sociologia, a genética, a história e diversas outras ciências. Assim, os antropônimos de línguas estrangeiras é a base do *Dossiê Genealogia*, e é transcrito abaixo um trecho relatando um caso para resolução de um caso de herança.

Em suas pesquisas no Arquivo Nacional e no Centro de História da Família (ver p. 16), Rogério Farah enfrentou numerosas dificuldades decorrentes, por exemplo, da transliteração de nomes árabes para o português. “Na transliteração de um nome tentamos reproduzir o som que ele tem na língua original, usando nosso próprio alfabeto”, explica. “Para além desse problema, encontramos ainda fortes indícios da galicização dos antropônimos árabes no Brasil,

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

em face da importância da língua francesa à época das grandes migrações”, acrescenta Farah Leal (2006:26).

Língua e cultura são duas faces do mesmo objeto. É por isso que o domínio de uma língua estrangeira representa mais do que uma simples habilidade lingüística: representa aptidão multicultural, bem como versatilidade de estruturar o pensamento por diferentes vias e de interpretar realidades sob diferentes ópticas. Isso, em certo sentido, não implica comprometimento direto de nossa língua-mãe nem de nossa cultura.

Através das práticas diplomáticas, assim como das intensas atividades de comércio com outros países, o Brasil e os demais países do mundo sofrem extremo domínio cultural e forte influência dos Estados Unidos em todos os quadrantes da sociedade e, assim, a língua inglesa tem sido um dos principais elementos de ligação entre Brasil e aquele país. O Brasil e sua língua, o português, oferecem ainda alguma resistência lingüística ao intruso inglês, mesmo por razões geográficas. A mídia, através de seus multimeios, de forma sutil e, por vezes, de forma mais violenta, invade a sociedade lingüisticamente e forma, dessa maneira, estrangeirismos e neologismos que passam a co-habitar o ambiente dos falantes da língua materna, o português.

A mídia, também, em decorrência do domínio comercial (paralelamente a ele, inclusive) faz com que a cultura norte-americana chegue ao Brasil por meio do cinema, da música e de programas de televisão. Isso tem acrescentado um grande número de palavras ao nosso vocabulário brasileiro, especialmente no que se refere a áreas como o lazer, esportes e alimentação. Exercer maior controle sobre a televisão e impedir, por exemplo, a entrada da produção cinematográfica norte-americana de baixa qualidade, abrindo espaço para a produção artístico-cultural brasileira, evidenciaria a preocupação em preservar a identidade.

Em recente processo de avaliação nacional de estudantes no Brasil (Enade), foi possível observar novas nuances de estrangeirismos contidos em redações dos alunos que concluem o ensino médio, em caráter nacional. A presença de estrangeirismos nas produções textuais foi relevante, porém não preocupante, pois todas as sociedades, em todo o mundo, passam por tais transformações. Proliferam-se, por isso, palavras que não passam de hibridismos do português, com algumas características gráficas da língua inglesa, que lhes conferem um ar norte-americanizado, muito comum nas classes socioeconômicas mais baixas (e até chegando à classe média baixa).

DEPARTAMENTO DE LETRAS

Termos de uso comum nos meios de informática e de computação fizeram-se presentes em alto estilo nas composições argumentativas daquele grupo. O plural de siglas e abreviaturas em português apresentaram degenerações profundas em suas grafias, pois passaram a ter a influência do *genitive case*, inglês, de maneira deformativa. Por exemplo, a expressão ong (organização não-governamental) passou a ter a forma plural usada maciçamente pelos concludentes de ensino médio como ong's. A forma Brazil com "Z" foi encontrada em grande escalão nas redações desses mesmos alunos, entretanto facilmente explicado, pois os alunos encontram bem mais a grafia com Z do que aquela com S.

Como, no entanto, algumas palavras de origem inglesa já foram há muito tempo abasileiradas em sua escrita, muitos talvez nem se dêem conta de sua origem estrangeira. À guisa de exemplificações, vêm-se as palavras *basket*, *beef*, *cocktail*, e muitas mais outras palavras.

Carvalho (2002) apresenta palavras que também são utilizadas amplamente pelas comunidades de falantes da língua portuguesa, em especial, o português do Brasil, mas nunca foram traduzidas para o português, como se sua forma de designação em inglês fosse a única possível. Diversos casos desfilam diante da comunidade de falantes de português, como em *close*, *drive-in*, *show*, *slogan*, *office-boy*, entre outros. E ainda há aquelas que encontraram correspondentes em nossa língua, porém a adoção do povo não as tira de uso, e, assim, julga-se que tais formas apresentem uma melhor sonoridade ou estética lingüística. O povo prefere dizer *drink*, em vez de bebida quando a referência é um aperitivo qualquer; *free-lancer*, para trabalhador independente ou autônomo; *play-ground*, no lugar de parquinho; *overdose*, quando se poderia dizer, apenas, dose exacerbada ou palavra similar.

Dessa forma, as pessoas que utilizam o português como língua materna fazem bom uso de estrangeirismos de língua inglesa de forma bastante natural. Muitas palavras foram incorporadas ao vocabulário oficial do português (como bar, basquetebol, bife, esporte, lanche, pudim, repórter, uísque etc.). Em outros casos, são observadas formas que mantêm a originalidade do inglês, como *insight*, *marketing*, *mall*, *case*, *match*, *meeting*, *show*, *shopping center*, *short* etc. Há, ainda, outras palavras que foram plenamente aceitas por aqueles estudiosos da lexicografia (*e-mail*, *fast-food*, *internet*, *joystick*, *modem*, *mouse*, *outdoor*, *self-service*, *video game*, *software*, *script*, *hardware*, *laptop*, *notebook*, entre muitas outras).

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Pela evidente presença de palavras de origem inglesa em nossa língua, o deputado federal Aldo Rebelo chegou a criar um projeto de lei que proíbe o uso da língua inglesa na comunicação oral ou escrita em meio à língua portuguesa. Com tal proposta, levantou na época, verdadeira polêmica nacional em relação à língua portuguesa. Em direção contrária ao seu radicalismo, o Museu da Língua Portuguesa, Estação da Luz, São Paulo, inaugurado em 2005, dá um tratamento natural ao fenômeno de aparecimentos dos estrangeirismos e neologismos no português do Brasil, apresentando *stands* exclusivos na abordagem e no tratamento dos casos.

O Projeto de Lei, portanto, distancia-se dos limites da lingüística e torna-se apenas um discurso falacioso e inócuo. A língua portuguesa, em uso no Brasil, é um sistema homogêneo, passível de ser compreendida por qualquer cidadão em qualquer lugar do vasto território brasileiro. O deputado Aldo Rebelo prega que a língua não é homogênea. Todas as línguas apresentam variações. Não há línguas estáticas, ou mesmo imutáveis (se assim fosse, ainda estaríamos falando latim). Acreditar que, no Brasil, todos falam e se compreendem mutuamente em todos os lugares do país é, no mínimo, utopia (ou ignorância pura dos aspectos lingüísticos das variações regionais). No caso do Projeto Lei, o problema lingüístico é a dificuldade da comunicação que terão “os nossos homens simples do campo”, diante do uso excessivo e desnecessário de expressões estrangeiras; o segundo problema concerne à dificuldade de comunicação, pela invasão de palavras estrangeiras e à descaracterização do idioma em virtude desta influência; o terceiro problema refere-se à descaracterização do idioma.

Os dois primeiros problemas são rapidamente aniquilados: toda pessoa é capaz de aprender qualquer setor do vocabulário, se ele tiver algum sentido para ela, ou seja, basta que o estrangeirismo faça (ou venha fazer) parte do universo de referência do usuário da língua, como, por exemplo, os termos da língua inglesa que compõem o vocabulário do mundo do futebol (córner, pênalti, *off-side* etc). Quanto ao terceiro problema, um idioma se caracteriza por uma gramática e por um fundo léxico comum. Se em nenhum dos dois casos o estrangeirismo afetar a base estrutural da língua, não haverá descaracterização do idioma. Em nenhum dos dois casos os estrangeirismos podem ameaçar os elementos que caracterizam o idioma português em uso no Brasil: é a gramática que sistematiza as pronúncias dos empréstimos estrangeiros, por meio de e-

mentos fonológicos, usados em conformidade com a morfologia e a sintaxe da língua portuguesa, formado por palavras herdadas do latim.

A proibição da língua geral – intercâmbio entre portugueses, brasileiros, espanhóis, indígenas etc – cortou os vínculos do povo brasileiro com seus ancestrais indígenas, esmagando a semente do que talvez fosse a constituição de uma identidade nacional verdadeira.

Conflitos causados por questões lingüísticas, envolvendo estrangeirismos, são discursos superficiais e equivocados sobre a natureza linguagem. Os estrangeirismos, na perspectiva desses autores, na maioria das vezes têm vida tão curta ou são incorporados naturalmente à língua e será difícil dizer a origem do termo tomado por empréstimo. O Projeto Lei propõe, portanto, inibir a entrada de produtos que trazem consigo seus nomes e outros elementos lexicais, como, por exemplo, informática, cuja área produtivamente colabora para a adoção de estrangeirismos.

Sendo a sociologia uma das subáreas da lingüística, visa a um estudo da língua em uso no seio de suas comunidades, interessando-se pela correlação entre o aspecto lingüístico e os sociais. A sociolingüística cria um espaço interdisciplinar entre língua e sociedade, e há uma grande importância para o estudo de grupos maiores e dos menores, pois os grupos não apresentam comportamentos lingüísticos idênticos. A sociolingüística tem como área de interesse o contato entre as línguas, o surgimento e a exclusão de línguas, o multilingüismo, variação e mudança.

A sociolingüística tem como ponto fundamental o papel da mudança lingüística, e cabe ao sociolingüista: a) compreender como se caracteriza uma determinada variação, de acordo com as propriedades da língua; b) verificar o *status* social positivo ou negativo da variação; c) entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema; d) determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança (avanço ou recuo, isto é, variação estável ou de mudança em progresso).

Na década de sessenta, através da proposta de Weinreich, Herzog e Labov, em 1968, surge a Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa, estampando o objetivo de descrever a língua e seus determinantes sociais, levando em conta seu uso variável. Existe um debate consistente entre a concepção de língua e as concepções relacionadas com as correntes anteriores, em especial, o estruturalismo e o gerativismo. Apresenta uma relação direta entre língua e sociedade, admitindo que os fatores sociais interagem no ato da fala. A abordagem apresentada no modelo

laboviano, Teoria da Variação, é uma reação às escolas anteriores (lingüística estrutural e gerativista), que estavam em oposição aos fatores sociais que envolviam a língua.

De uma forma científica, todas as manifestações lingüísticas são inteiramente legítimas, porém, os padrões lingüísticos estão sujeitos à avaliação social e podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social. A sociolingüística oferece diferentes modelos teórico-metodológicos para a análise da variação e mudança. A Teoria da Variação apresenta uma instrumentalização acerca da análise sociolingüística, e assim, a teoria da variação é, pois, uma linha considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso numa perspectiva sociolingüística.

Labov,⁴³ através de estudos empíricos, descobriu que o padrão da mudança em progresso, encontrado em estudos nos centros urbanos, era que o grupo mais inovador nos processos de mudança provinha dos grupos sociais intermediários, e que, ao contrário das correntes anteriores, que atribuíam ao movimento da mudança uma direção de cima para baixo, ou vice-versa (gráfico retilíneo), a direção da implementação da mudança diagnosticada por Labov desenhava um gráfico curvilíneo.

Assim, como foi dito antes, a pesquisa sociolingüística tem por objetivo principal a sistematização da variação. Para se alcançar tal objetivo, ela tem que formar um *corpus* baseado em dados naturais de fala, descrever detalhadamente a variável e suas variantes, estabelecer quais os possíveis fatores lingüísticos e sociais que influenciam a variável, encaixá-la lingüisticamente, avaliá-la e observar os processos de transição e implementação que a envolvem. Dessa forma, obtém-se o resultado esperado pelo pesquisador: dar conta da dimensão social, cultural e histórica do fenômeno lingüístico. (Hora, 2004: 27)

No capítulo sétimo, “Língua e gênero” (McKay & Hornberger, 1997: 218), Freeman e McElhinny declaram que:

Investigar e entender o uso de uma língua são cruciais no ato de suprimir as desvantagens pois é através da língua que as relações com o outro são negociadas e as identidades sociais são construídas. A noção de língua aqui estabelecida é de caráter dinâmico e inclui textos verdadeiramente orais e escritos,

⁴³ Professor da Columbia University, New York. Havia escrito a tese de doutorado sob a orientação de Uriel Weinreich. Labov, por seu turno, vinha de suas duas hoje clássicas pesquisas, a de Martha's Vineyard (que resultou em sua dissertação de mestrado) e a estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque (que resultou em sua tese de doutorado, publicada em 1966). Estabeleciams-se nelas as bases metodológicas da pesquisa sociolingüística variacionista e reabria-se a questão da mudança lingüística, em especial das suas motivações sociais. É da feliz confluência de estudos intensivos do contato lingüístico em situação de bilingüismo (Weinreich) e de interação dialetal (Herzog) com as investigações da realidade sociolingüística urbana (Labov) que vai emergir o texto que ora se publica em português (Weinreich, Labov, Herzog, 2006:11).

DEPARTAMENTO DE LETRAS

assim como, discursos não claramente expressos ou as práticas sociais que tais textos possam tanto refletir ou representar.

Fairclough (1989) apresenta um diagrama que ilustra o discurso como texto, como interação, assim como contexto.

É importante enfatizar que as pessoas não interagem fora de contextos ou no nada; suas experiências prévias, resoluções e expectativas influenciam o processo de produção, assim como o processo de interpretação da fala e dos textos escritos. Tais textos deixam marcas lingüísticas de discursos encobertos que eles tornam imediatos, discursos que são basicamente estruturados por ideologias. As análises intertextuais que demonstram coerência de como o significado é entendido lingüisticamente dentro de textos falados e escritos em um determinado contexto cultural, ou o discurso de um dado grupo, nos capacitam a tornar explícitas as ideologias de uma comunidade.

Embora a ideologia seja sempre discutida como se fosse alguma coisa estática, ela deve ser entendida como sendo um processo dinâmico de criação de modelos de significados ou assertivas de senso comum, que orientam o comportamento das pessoas dentro de uma determinada sociedade. As ideologias ou o sistema de valores e as crenças culturais estão intimamente ligadas ao poder. Gal (1992), repensando as obras de Michel Foucault, Antonio Gramsci, Raymond Williams e outros teóricos sociais vinculados ao “trabalho de entrosamento da lingüística na teoria social”, define o poder como um símbolo de dominação e discute sobre o poder e a dominação simbólica, que raramente apresenta resistência.

A metodologia adotada para esta primeira fase da pesquisa, isto é, a sondagem sobre a presença decisiva e marcante de estrangeirismos de língua inglesa no dia-a-dia da população, inclusive na adoção de nomes estrangeiros de seus habitantes, da Baixada Fluminense, RJ (anexo I), restringe-se à aplicação de questionários, à análise de material de secretaria escolar e a entrevistas para a pronta montagem de tabelas e gráficos referentes ao período compreendido entre 2004 e 2005 (até o mês de junho), além da pesquisa bibliográfica

Para cada instituição investigada, são apresentados demonstrativos como questionários, quadros e gráficos específicos daquela realidade trabalhada, assim como para a área geográfica.⁴⁴

⁴⁴ A pesquisa indaga a incidência de estrangeirismos naquele contexto de trabalho (escolas, ruas e comércio), através de problemas, hipóteses e, também, a relevância da pesquisa em seu objetivo

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A primeira fase do trabalho fortalece as bases para o prosseguimento das pesquisas no seu segundo e definitivo momento: uma busca filológica, no campo da onomástica, mapeando os antropônimos de língua inglesa como fatores designativos individuais na região do município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, RJ, (anexos II e III).

Hornby (1978) e Lansky (2005) apresentam listagens de antropônimos masculinos e femininos mais comumente adotados em língua inglesa nas últimas décadas na Inglaterra, Estados Unidos e outros países, em que a língua inglesa é a língua materna. Ele é ilustrativo, a fim de que possa ser feito um estudo comparativo confrontando os designativos de nomes próprios encontrados na pesquisa realizada na Baixada Fluminense ao longo do período de estudo.

A importância de tais listagens reside no ato de identificar os nomes próprios atribuídos e suas integridades gráficas adotadas por seus atribuidores (normalmente os pais) e, assim, observar como os pais reconhecem graficamente os nomes dos filhos na hora do registro, e, também, a maneira pela qual os nomes são pronunciados no lar e na escola. Através de tal listagem, podemos ver, por exemplo, as variantes para os nomes próprios ingleses Michael e Michel, que são comumente encontrados nas pautas escolares da Baixada Fluminense, não encontrados em dicionários de nomes ingleses (Berube, 2004; Dunkling, 1983; Hanks, & Hodges, 2003 e Lansky, 2005) mais antigos ou mais novos. As variantes Maíke, Maicon, Maikon, Maico e Maiko são formas adaptadas ao português do Brasil, atendendo aos impulsos da mídia e, ao mesmo tempo, atendendo ao chamado da forma coloquial da língua.

Cayne (1993), em sua *History of the English Language* descreve amplamente a evolução da língua inglesa através dos tempos, em uma linguagem comum e simplificada, possibilitando verificar correntes de evolução, heranças e raízes. O trabalho de Cayne, no contexto da pesquisa, é de caráter meramente ilustrativo, permitindo ao leitor a extensão de sua cultura e filologia da língua inglesa.

Na fase final da pesquisa (2006), o trabalho de busca de antropônimos de língua inglesa nas escolas da rede pública municipal deverá atingir o índice de 25% das escolas, por meio de entrevistas e questionários propostos.

mais abrangente. São listagens colhidas em cartório de registros de nomes. A primeira, mostrando o comportamento dos pais na adoção de nomes há algumas décadas e a segunda, pesquisa recente, concluída em 2004.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

O uso cada vez mais constante de estrangeirismos pela população dos municípios da Baixada Fluminense torna-se cada vez mais evidente devido ao fator da invasão cultural das potências estrangeiras, em especial, os Estados Unidos. Frear tais avanços lingüísticos torna-se impossível e, assim, deve-se trabalhar com eles diariamente, aproveitando-se a essência positiva da presença estrangeira no leito da língua materna.

No que tange aos antropônimos de origem inglesa, apresentam-se cada vez mais imponentes nos assentamentos imponentes em todos os meandros da lucidez lingüística e sociocultural, diante do fato do comparecimento ao cartório para o procedimento de registro de nomes.

O uso crescente de estrangeirismos pela população dos municípios da Baixada Fluminense tem sido motivo para a reflexão e pesquisa por parte daqueles que lidam com a etimologia, a filologia e a lingüística em suas produções científicas.

A globalização, hoje, já assumindo uma posição de ciência que preenche as lacunas deixadas pela rapidez nas relações sociais e o intenso desenvolvimento tecnológico, também é responsável pelo fenômeno da intensa adoção de nomes próprios ingleses em cartórios de registros civis na Baixada Fluminense. A população pesquisada é falante nativa do português do Brasil, porém é cercada por um mundo de anglicismos, onde até os produtos de outros países, como a China, apresentam suas instruções e notas explicativas em inglês. A globalização no mundo apresenta inúmeros dimensionamentos, inclusive lingüístico, através da língua inglesa, que alcança os cinco continentes.

O francês, Langue d'oïl Francien, o latim, o italiano já dominaram lingüisticamente parte do mundo comercial, financeiro, literário e cultural em séculos anteriores e no momento, o inglês impera em todo o mundo civilizado, levando a língua e a cultura envoltas em um sistema financeiro.

Os estudos iniciais básicos provaram que a mídia é a grande patrocinadora para que tais fenômenos possam acontecer. Outras questões como trabalho, religião, família, amigos, música, cinema e alimentação pesam também na escolha dos pais para o registro de antropônimos de língua inglesa em seus filhos.

Em tal ponto da pesquisa, os antropônimos de língua inglesa, tendem por nicho as escolas da rede pública do primeiro distrito administrativo do município de Duque de Caxias (em um percentual de 25% das es-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

colas), deverão ser estudados e, posteriormente, mapeadas as incidências de tais estrangeirismos.

A coleta de dados inicial buscou os questionamentos sobre os estrangeirismos junto aos grupos populacionais escolares em diferentes *corpora*. O recorte teórico relacionado aos registros de nomes estrangeiros nas pautas escolares, fichas individuais e de matrículas, além dos relatórios de professores e orientadores, foram privilegiados e computados em tabelas e gráficos para os estudos de base do trabalho inicial.

Os dados coletados no período de pesquisa, em diferentes *corpora* responderam satisfatoriamente às hipóteses apresentadas, no que tange ao uso de estrangeirismos, sua forma de absorção, no modo de abordagem e transmissão e, em especial, o uso inconsciente dos termos ingleses pela população pesquisada, que não se torna perceptiva quanto aos significados, contextualizações ou traduções de tais estrangeirismos.

A população de donos de lojas ou marcas comerciais pesquisadas respondeu com a devida prontidão quanto aos significados dos nomes estrangeiros estampados em seus estabelecimentos comerciais ou marcas. A maioria dos comerciantes mostrou conhecimento na verbalização das palavras estrangeiras, além de também serem conhecedores de suas traduções. Justificaram os designativos ou marcas de origens estrangeiras em seus estabelecimentos tendo por base teorias diversas de *marketing*, e por acreditarem que tais estrangeirismos atrairiam maior número de clientes ao comércio.

Este *corpus*, clientes e proprietários de comércio, forma, assim, um grupo diferente. É conhecedor dos significados dos nomes e conscientes das suas significações. Tal comportamento (dos empresários), diferente das demais populações pesquisadas, deve-se ao fator econômico, pois a identidade comercial ou a marca estarão sempre ligados ao sucesso, à venda de produtos e ao progresso financeiro de seus donos.

No entanto, o *corpus* relacionado aos designativos pessoais de origem estrangeira anglicana, pesquisado em escolas, apresenta, em seus resultados, variações gráficas profundas, devido a fatores diversos como audição e/ou visão deficientes, desconhecimento da língua estrangeira, paixões por músicas e filmes, idolatria por personagens estrangeiros, modismos e canais diversos de entrada via mídia.

Foi observado no nome Michel, por exemplo, variações como Michael, Maicon, Maikon, Michell e outros; para John, foram encontradas

DEPARTAMENTO DE LETRAS

variações, como Jhohn, Johnn, Jhohnn; para Stephany, as variantes Stephanie, Esthephany, Estefany. Para Marianne, variações do tipo Maryann, Mariann, Mariane ou Mary Anne. Foram observados, também, acréscimos de regionalização de nomes ingleses ou criatividade excessiva do povo na designação de antropônimos de origem inglesa, formando assim vocábulos inéditos, como Uala, Wallan para Allan. Wallax, Uilham, Uilha para William; Génifer ou Genif para Jeniffer; ou outras formas do tipo Uoshinton, Mere, Meire e muitos outros nomes ou criações lingüísticas.

Os dados coletados nos municípios da Baixada Fluminense foram reunidos de forma que pudessem formar as bases para demonstrar que os estrangeirismos de língua inglesa são capazes de dominar as camadas populares maciçamente em todos os setores de suas vidas (vestuário, alimentação, habitação, escolarização, economia, cultura, comunicação, e outros), influenciando todos os seus hábitos, assim como formas de manifestação de personalidade no cotidiano.

Assim, os antropônimos de língua inglesa foram privilegiados e eleitos para dar continuidade à pesquisa de forma mais profunda e incisiva, criando nichos específicos para o trabalho em escolas da rede pública municipal de ensino de Duque de Caxias.

O trabalho final, além de reunir os dados em tabelas e gráficos, apresentará um mapeamento lingüístico dos antropônimos de língua inglesa por todo o território do primeiro distrito administrativo do município de Duque de Caxias, e assumindo a identidade final de *Estrangeirismos de língua inglesa (o caso dos antropônimos)*.⁴⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERUBE, M.S. (Vice president, Director of Lexical Publishing, Production,, and Manufacturing Service). *The American Heritage dictionary*. 4th, New York: Dell Books, 2004.

DUNKLING, L. & GOSLING, W. *The New American Dictionary of Baby Names*. New York: New American Library, 1983.

⁴⁵ Este artigo não apresenta conclusão nem bibliografia por ser parte integrante de um projeto de tese de doutorado em andamento, que deverá ser defendida ainda neste ano de 2007.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

HANKS, P. &, HODGES, F. *A Dictionary of First Names*. New York: Oxford, 2003.

LANSKY, B. *55,000+ Baby Names*. New York: Meadowbrooks Press, 2005.